



Ana Faria

A Oração que o Senhor nos ensinou: Pai Nosso (3ª parte)

“...Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos...”

“Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar?” . (Mt 18, 21)

Ouvimos tantas vezes dizer: *“Não, não lhe perdooo!”* e *“Nunca! isso é-me mto difícil de perdoar”*.... expressões que traduzem em poucas palavras, as feridas de um coração não cicatrizado.

É de facto, muito difícil perdoar, não naquele perdão superficial em que se encolhem os ombros e em que se diz, *“estás perdoado/a...”*, mas o perdão de dentro, o que sai verdadeiramente do mais profundo de nós... esse é realmente muito difícil, muito complicado de atingir... embora essencial à nossa sobrevivência pacífica e pacificadora, porque é a exigência que Jesus também nos faz: ***“perdoai-nos... assim como nós perdoamos”*** (Mt. 9,12)... Essa é mesmo a urgência do perdão. E por isso Jesus responde a Pedro: ***“Não te digo sete, mas setenta vezes sete”*** (Mt. 18, 22)... ou seja **sempre**.

O esforço do perdão-profundo que damos aos outros, exige de nós uma libertação... a libertação de nós próprios em relação ao nosso sofrimento, ao nosso acariciar o nosso ego sofrido... exige o entender também dos nossos erros de percepção, de compreensão, de actuação... de caminho... exige, portanto, o esforço de sairmos de nós mesmos, e de colocarmos a nossa atenção, a nossa vida, o nosso amor, noutros pontos do universo: na **Cruz de Nosso Senhor** e na **misericórdia infinita de Deus**. Exige o esforço de nos perdoarmos a nós mesmos, e só esse esforço e esse perdão são curativos, cicatrizantes e pacificantes interiormente.

Esta aprendizagem constante de nos perdoarmos a nós mesmos, é também exigente, mas essencial... porque nos obriga a olhar para nós com os olhos dos outros... a despojarmo-nos de toda a vaidade, de todo o orgulho, sem no entanto deixar “cair” a nossa auto-estima; exige que aceitemos as nossas imperfeições, que aceitemos perceber que não somos perfeitos e não soubemos aqui e ali avaliar o verdadeiro âmago da questão, traçar o caminho pretendido, alcançar as metas desejadas...

O perdão dos outros, mesmo o *“dos nossos inimigos”*, passa, de facto, pelo nosso próprio perdão interior... e é por isso que é tão difícil! No momento em que dentro de nós nos pacificamos, nos perdoamos, torna-se então possível amar e perdoar aos outros – a qualquer outro – e demonstrar-lhe esse perdão: ***“Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem”*** (Mt 5,44b). Perdoar exige aprendizagem de vida e o (re)conhecimento de que todos nós temos que ser perdoados e que o somos pela misericórdia infinita do Pai que enviou o seu Filho para nos salvar e o Espírito Paráclito que nos fortalece e nos ajuda a amar de todo o coração.